

– Direto da luta –

## “O futuro é se organizar!... A saída é se organizar de forma coletiva... aí, sim!”

*Entrevista com Gelson Alexandrino*

Ativista do Movimento das Comunidades Populares (MCP)

*Conduzida em 29 / 10 / 2011 por Tatiana Tramontani Ramos*

**E**sta entrevista é fruto de uma partilha de experiências e aprendizado que já dura mais de dois anos. Tive a oportunidade de conhecer Gelson Alexandrino no Encontro e Fórum de discussão intitulado “(Re)Unindo Retalhos: crise e capitalismo, caminhos para a superação”, no final de 2009. A ideia do encontro surgiu de uma confraternização dos leitores do Jornal Voz das Comunidades (JVC), organizações e movimentos sociais, atuantes nas causas populares, realizada na Ocupação Chiquinha Gonzaga em agosto de 2009. Nessa confraternização foi unânime a constatação da importância da realização de um encontro com a finalidade específica de discutir mais profundamente os problemas socioeconômicos vivenciados sob o sistema capitalista, especialmente na conjuntura de crise internacional que partia dos Estados Unidos para o mundo. Era o momento de pensar coletivamente sobre suas causas e alternativas possíveis.

Ao longo de muito tempo foram sendo travadas muitas lutas por diversos movimentos e organizações sociais. Alguns deles acabaram, outros foram derrotados, outros ainda, foram cooptados por forças institucionais de partidos ou outras organizações. Existem aqueles que se mantêm “na luta” há muitos anos, como é o caso do MCP, que será mencionado nessa entrevista.

Apesar das diferenças e divergências entre os grupos e indivíduos participantes do evento, ou aqueles que viriam a participar das atividades ao longo dos seus dois anos de existência – em termos de organização, procedimentos e bases teóricas – esses grupos aproximavam-se por constituírem uma parcela da esquerda que rejeita, à princípio, o direcionamento e o aparelhamento partidário, assim como não acredita na democracia representativa como possibilidade de avanço para as camadas populares, especialmente.

O Reunindo Retalhos se desdobrou em diferentes grupos de trabalho que focavam questões, afinidades e necessidades específicas: Moradia, Comunicação, Transportes e Economia Solidária. Particpei durante todo o tempo do GT Economia Solidária que, também contava com a assídua participação de membros do MCP (Movimento de Comunidades Populares), entre eles, Gelson Alexandrino.

O MCP, como veremos na entrevista que se segue, é um movimento social com mais de 40 anos de existência, atuante tanto no campo quanto na cidade em vários estados brasileiros. O movimento contribuiu para as discussões e atividades do GT Economia Solidária do Reunindo Retalhos com uma larga experiência no segmento da economia popular coletiva, com atividades de produção, venda, prestação de serviços e investimento. Tratam-se de experiências que, no meu entendimento, são de grande relevância histórica, política, socioeconômica e, inclusive, para refletirmos sobre as potencialidades e os limites das práticas acadêmicas e da militância.

O entrevistado, Gelson Alexandrino, é um experiente ativista que, poucas vezes, se utiliza da expressão militância, ou da identificação “militante”. Refere-se a si próprio, na maioria das vezes como um “trabalhador na luta”, “no movimento”. Tanto quanto nos é dado perceber, é uma pessoa que vivenciou diferentes geografias: do trabalho no campo, ao trabalho operário nas fábricas; da infância no pequeno povoado nordestino, à vida em uma violenta favela na região metropolitana do Rio de Janeiro. Sua dedicação ao

movimento social, como ele próprio diz, vem de uma “vontade muito grande de mudar as coisas”. Essa trajetória de dedicação incansável às causas populares nos motivou a trazer o Gelson para a seção “Direto da luta”, da Revista Território Autônomo, ainda que o contexto de organização política no qual o MCP, e conseqüentemente o Gelson, estejam inseridos – a influência marxista e do catolicismo de esquerda – divirjam dos princípios político-filosóficos dos da Revista Território Autônomo – uma revista que se fundamenta nos princípios libertários da autonomia. Entendemos que a possibilidade de tirarmos certas lições das reflexões e das práticas que Gelson, com honestidade, relata, é coerente com a sua constante disposição para dialogar com quem pensa diferentemente dele. Que todos nós tivéssemos essa tolerância!...

Gelson fala, verdadeiramente, “direto da luta”. E é a ele que passamos a palavra agora.

**Tatiana Tramontani Ramos:** Gelson, você nasceu em que estado?

**Gelson Alexandrino:** Na Paraíba, sou de Igaracy, que na época que eu nasci esse lugar não era cidade, era distrito da cidade de Piancó, depois se emancipou e também não se chamava Igaracy, se chamava Boqueirão dos Cochós, em função de ficar entre duas serras – um boqueirão – e os primitivos de lá, as pessoas que habitaram lá sobreviviam de produzir os cochós. Lá tinha uma árvore em grande quantidade, a Umburana, uma árvore assim, bem fácil de moldar ela, macia, e daí a origem do nome.

Também tinha uma outra história de uns índios, umas tribos que viviam em conflito. Se chamavam Piancó e Coremas. E aí tinha uma história de que a tribo de Piancó vivia em conflito com a de Coremas, e aí um índio da tribo de Coremas começou a namorar uma índia da tribo de Piancó. Então o pai da índia assassinou a índia para não casar com o índio de Coremas, e essa moça chamava-se Igaracy e aí ficou o nome do lugar. Acho que agora em 97 que passou a se chamar Igaracy.

**Tatiana:** E você está aqui há quanto tempo?

**Gelson:** Aqui estou há 22 anos. Desde 89. Em 1989 eu vim para cá. De 76 a 83 eu fiquei em Alagoas, de 84 a 89 em Betim, Minas Gerais, onde trabalhava como operário, como metalúrgico. Não diretamente na montagem, mas em uma parte da montagem, a metalúrgica, que é a chamada fundição, onde fabricam os blocos que vão sair dentro do carro. Então nessa unidade que eu trabalhava. Na época se chamava FMB, Fábrica de Motores do Brasil, que se chama agora Teksia, Grupo Teksia. Provavelmente foi vendido, mas continua fazendo o mesmo trabalho. Foi onde eu trabalhei de 84 a 89.

**Tatiana:** E você veio para o Rio trabalhar em algum lugar especificamente, não?

**Gelson:** Eu vim para o Rio, primeiro, em função do trabalho, né? Isso é indiscutível. Mas tinha também outra motivação. Na FMB eu ganhava muito bem. Ganhava acho que dez salários mínimos. E então eu não conseguia arrumar trabalho em outra empresa depois que eu saí de lá. Primeiro, em função da

atuação junto ao sindicato. Depois, em função da carteira com tempo de serviço e salário alto, em tempo de crise... então era carteira com salário alto e sindicato... não conseguia mais.

Aí eu vim para cá e fui direto trabalhar no estaleiro naval, com navios. Depois passei para uma empresa de fabricação de válvulas para petrolíferas, aí novamente eu me integrei diretamente na luta sindical. Saí dessa empresa e da metalurgia e passei a trabalhar no ramo dos produtos químicos. Fiquei um bom tempo com os químicos, depois entrei nessa empresa onde estou agora<sup>1</sup>, trabalhando na parte mecânica, desde 99. Faz 12 anos.

**Tatiana:** E aqui no Rio você sempre morou na Pavuna<sup>2</sup>?

**Gelson:** Não. Eu quando vim para cá fui morar em São João de Meriti<sup>3</sup>, num bairro chamado Coelho da Rocha. Depois eu morei em Belford Roxo<sup>4</sup>, depois no morro, morro que eu falo é o Chapadão<sup>5</sup>. Então em três lugares que eu morei.

**Tatiana:** E a sua casa lá é própria?

**Gelson:** É própria, mas não é nem minha, é da mulher. (Risos). Eu casei com ela em 96, eu já estava morando no morro, eu era casado com outra mulher. Tenho dois filhos, já tenho neto, uma

<sup>1</sup> Foi propositalmente omitida, aqui, a referência ao nome da empresa.

<sup>2</sup> Bairro da zona norte do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Município da Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Município da Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Morro localizado no limite municipal entre Rio de Janeiro (bairro da Pavuna) e São João de Meriti (município da Baixada Fluminense).

netinha de seis anos de idade. Meu filho mora em BH<sup>6</sup>, o outro mora aqui e trabalha aqui no Centro da cidade. Ele mora na mesma casa que eu morava, em Belford Roxo, com a mãe. Nossa relação era muito conflituosa. Pra mim foi uma opção morar no morro, na favela. E ela não topou.

A minha mulher atual eu já conhecia do movimento. Ela é casada com um amigo nosso, e também tinha uma relação conflituosa, em função também do movimento, e aí não conseguiram se acertar. Aí decidiram largar e largaram. Aí ela é casada e eu continuo casado, pronto!

**Tatiana:** E o que você acha da vida lá no morro? Quais são as dificuldades, as limitações?

**Gelson:** Olha, eu fui morar no morro, no começo, ali era uma invasão. Eu não cheguei a invadir. Invadir você sabe o que eu to dizendo, né? Ocupar. Eu não ocupei. Quando eu cheguei lá já estava ocupado. Então eu comprei um lote, construí um barraco, e aí depois a ela chegou, ela tinha uma casa em São Paulo, aí vendeu e com o dinheiro da casa comprou uma outra casa. Eu vendi o barraco e fui morar com ela. Aí por isso que a casa é dela.

Mas a gente foi morar lá. Quando eu fui morar, porque ele veio quase dois anos depois. Lá não tinha nada. Água, luz, nada, nada, nada. Só uns barracos de madeira, tábua, bem precário. A gente para pegar água a gente se juntou e puxamos a água de um bairro lá distante, 300 metros de canos prá trazer a água. Aí chegava lá aquele fiozinho de água pra cem pessoas. Aí começava uma fila quatro horas da manhã pra pegar uma lata d'água. E aí a energia

<sup>6</sup> Referência de Belo Horizonte, Minas Gerais.

era também a base de gato. E era assim. Mas aí a gente foi lutando, lutando, as coisas foram pro lugar e hoje tem água, tem luz, tem esgoto, agora inclusive tem obras para asfaltar várias ruas. Agora tá em obra para asfaltar tudo... Agora, tudo muito complicado, as coisas são distantes, tem subida, a violência, então, nem se fala, sair e entra da comunidade é muito complicado por causa da violência, por causa do tráfico... só topa morar lá, realmente, quem tem uma opção, ou por que não tem outro jeito. O nosso caso foi por opção. Eu podia tá morando em outro lugar. Eu não tenho problema. Até consigo administrar bem, minha mulher sofre muito por causa de problema nas pernas, pra subir, descer, tal, ela reclama muito,...

**Tatiana:** Você comentou na última reunião no CCS<sup>7</sup> que você participou do primeiro processo de ocupação do prédio da Chiquinha<sup>8</sup>. Você moraria hoje em uma ocupação?

**Gelson:** Moraria. Mas só se fosse uma orientação, uma necessidade do movimento para isso. Mas não gosto. Não gosto de morar em uma ocupação, não por ser uma ocupação, mas eu não gosto de morar assim num lugar parecido com apartamento. Tenho pavor, não gosto. Mas... eu moraria. Por exemplo, lá, no morro, tem toda essa dificuldade, e eu acho que, pra mim, tem tudo... o problema não são as pessoas. O problema é morar assim, em prédio. Tenho pavor.

<sup>7</sup> Centro de Cultura Social, bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro – RJ.

<sup>8</sup> Referência à primeira tentativa de ocupação que daria origem, mais tarde, à Ocupação Chiquinha Gonzaga, na rua Barão de São Félix, 110, centro do Rio de Janeiro.

**Tatiana:** Você acha que é importante a luta pela moradia no Centro? Independente de você não morar.

**Gelson:** Acho importante demais, porque a pessoa conseguindo uma moradia no centro pode ter uma qualidade de vida boa, é tudo perto, tudo mais fácil. Todos os outros não têm direito a morar no Centro, feliz no centro da cidade? Por que não os pobres? É essencial.

**Tatiana:** E você acha que as favelas e as ocupações são espaços que estimulam, de alguma forma, a militância e o ativismo?

**Gelson:** Olha, a militância vem de uma conscientização da pessoa... Ela pode morar lá como centenas de pessoas lá no morro que moram, mas não tem a menor motivação para a militância. Há motivação em função de uma consciência da pessoa daquilo. Que deve militar, que é essencial militar, que tem interesse na mudança, né? Agora, o ambiente é favorável para você, em função das contradições, implementar a luta... conhecer. Ele favorece, mas não na militância.

**Tatiana:** Então onde está a motivação? Está nos espaços que você frequenta, na família, nos amigos...?

**Gelson:** Como eu disse: no grau de consciência que você adquiriu em função da realidade, da mudança da sociedade. Você tem que ter uma discussão, uma veia de luta. Porque tem gente também que, por mais que tenha acesso, participe, leia, tenha grupo,

ele não tem vontade de lutar, não, né? É acomodado. Então essa motivação vem de um trabalho que a pessoa passou, pela escola... eu, por exemplo, quando é que eu me motivei para a luta? Comecei cedo, na escola.

**Tatiana:** Não foi no teu trabalho junto ao sindicato, no setor metalúrgico?

**Gelson:** Não, porque a minha militância não vem daí, vem do campo.

Eu trabalhava na roça e eu era, assim, muito preocupado com as injustiças. Eu não gostava das injustiças. Minha mãe teve doze filhos, seis homens e seis mulheres, e ela comprava o leite, um litro de leite, pra todo esse pessoal. Aí botava bastante água, né? E era caro o leite. E eu achava aquilo uma injustiça: como é que pode? Tinha que comprar um litro de leite... e aí o fazendeiro que tinha leite a vontade... sabe? Eu ficava revoltado com aquilo.

Uma vez eu me acordei era de madrugada, aí fui nas fazendas...

**Tatiana:** Isso você novinho?

**Gelson:** Novinho! Eu tinha o que 11 anos de idade acho, por aí. Os bezerros dormem separados das vacas, pra poder acumular o leite. E aí eu peguei saí em tudo quanto é fazenda, abri as porteiras e botei os bezerros pra dentro. Isso sem discutir com ninguém. Só com a minha revolta com aquilo. Já era revoltado porque os bezerros ficam lá sem leite e aquele leite é vendido caro pras pessoas. E aí foi um assunto que chamou atenção. Nunca ninguém ficou

sabendo. Depois eu analisando sozinho, eu era revoltado.

Aí na escola, quando começou os trabalhos na JAC<sup>9</sup>, foi através de um padre da paróquia e eu comecei a conversar com ele e fui me aprofundando. Minha motivação nasceu de dentro da contradição que eu já vivia, e do trabalho das pessoas, desse padre, do colégio onde eu estudava.... naquele tempo era época da ditadura militar... eu lembro do fato do sequestro do embaixador americano, foi um fato que teve muita repercussão lá na cidade onde eu morava. E essas coisas foram fazendo com que eu criasse motivação para a minha vida política.

**Tatiana:** E o MCP<sup>10</sup> tem 40 anos. Quando foi que você se aproximou do MCP?

**Gelson:** Nesse encontro<sup>11</sup> agora, na Bahia, foi feito eu teatro na abertura do encontro, mostrando essas fases todinhas.

O movimento começou com a JAC – Juventude Agrária Católica. Nós éramos jovens rurais e começamos na qualidade de jovens rurais o movimento que existia na época que era a JAC. Esse padre, que era o pároco da nossa cidade, meu conterrâneo, um cara que era camponês como eu, que estudou, teve oportunidade de estudar, e virou padre. E aí por coincidência, não sei, por opção, ele foi ser vigário na paróquia. E ali nós começamos a conversar, eu comecei assim a revelar as minhas

qualidades, e assim a gente foi se aprofundando, e ele era da JAC. Eu comecei a atuar na JAC, a minha formação era na JAC. E a JAC, você sabe, era nacional, por que a Igreja é... E aí, a gente foi estudando e aprofundando e vendo que a JAC não correspondia... A proposta de luta da JAC não correspondia à realidade de miséria e de contradição que existia no Brasil, inclusive a questão da ditadura e tudo.

Era um movimento, assim, que tratava das questões de namoro... dos problemas dos jovens... Mas nada que aprofundasse em relação à luta de classes e tudo mais. Foi quando a gente começou a provocar uma mudança na JAC, transformar a JAC numa outra coisa. A JAC era um movimento de jovens da Igreja, e a gente começou a sentir necessidade de criar um movimento dos jovens ligado à Igreja, e não da Igreja ligado aos jovens. Era importante não ser uma coisa *da* Igreja, pois quem mandava era os padres, a gente não tinha autonomia nenhuma. Era tudo de cima para baixo, completamente vertical. Inclusive os nomes que aparecem nas nossas faixas todinhas não é a gente, *nunca* foi a gente que idealizou. Esses nomes foram surgindo na prática. Todo o nosso trabalho prático, nessa época, a gente fazia a base do Evangelho. Por conta da pressão de ser ligado a Igreja... Utilizava o Evangelho como instrumento para descobrir as causas dos problemas e tudo mais. Aí veja, a gente era um grupo que trabalhava para ser um movimento. Já era um movimento de jovens, esse nome aí uma porção de gente já chamava. E era um movimento do meio rural e era a partir do Evangelho. Aí quando foi discutir a questão do nome, o nome já tava, assim, na boca de todo

<sup>9</sup> Juventude Agrária Católica.

<sup>10</sup> Movimento de Comunidades Populares.

<sup>11</sup> Referência ao último Encontro Nacional do Movimento de Comunidades Populares, realizado em Feira de Santana, na Bahia, em 2011.

mundo! Não tinha como criar um nome o nome é esse! É Movimento de Evangelização Rural. Então aí, nessa época, saiu de JAC para Movimento de Evangelização Rural, MER.

Foi quando as coisas foram avançando e foi quando a gente sentiu necessidade de se espalhar, se expandir, crescer. Aí começamos a migrar. Uns foram para localidades rurais, outros para as cidades. Então começamos um trabalho na cidade.

Aí quando a gente atuava na cidade, levando todas aquelas questões, aquela problemática, aí diziam: “*ocê é de onde?*”, “*do MER*”... “*como do MER? É um operário e faz parte do movimento rural, como é que pode isso?*”...

Aí nessa fase veio a fase de prevalecer aquela questão das correntes... 78, 80, por aí... A JAC teve muitas correntes, de pessoal se assumindo pelo PT, essas coisas todas...

Aí, o próprio pessoal falava, um pessoal que não se ligou a partido político, nem a proposta do PT e nos mantemos independentes. A gente sempre teve uma discussão e uma teoria de independência e de autonomia. Enquanto esse grupo que tava aí era muito ligado a partido, ligado a PT essas coisas todas. Aí ficou entre o próprio pessoal: “*á vem o pessoal dos independentes... dos independentes... dos independentes...*” E aí a gente era uma corrente, que era totalmente de trabalhadores. Dentro dessa fase mesmo, tinha muita gente que não era trabalhador... esse padre que começou comigo, em função de ser um movimento de trabalhador, ele deixou de ser padre, se casou e foi ser operário. Ele e mais quatro padres.

**Tatiana:** Eram da “Teologia da Libertação”?

**Gelson:** Não... era do nosso movimento. A Teologia da Libertação era outra coisa, éramos aliados da Teologia da Libertação, mas nunca tivemos um pacto. A gente achava interessante a Teologia da Libertação, mas não fixemos um pacto, porque a gente tinha uma teoria mais radical que eles... eles tinham as limitações da Igreja. Aí, resultado: o nome novamente surgiu assim. Era uma corrente, era de trabalhadores e era independente. Então vamos criar um nome? Não tem como criar! O nome é esse: Corrente de Trabalhadores Independentes.

Aí, nessa fase, a gente atuava em sindicato, associação de moradores, principalmente em sindicato... entre os operários de Betim e tudo mais.

A gente tinha toda aquela discussão de força sindical, de que a classe operária era o motor da revolução, essas coisas toda. E nessa fase aqui começou a aparecer o inverso. E aí, o desemprego, a informalidade crescendo, e aí a classe operária deixou de ser um bloco para se fazer uma mudança do rumo que a gente queria. E aí a gente começou a sair dos sindicatos e priorizar as periferias. Onde tá a massa, a massa sofrida, os desempregados e tudo.

Essa fase foi dura. Porque os militantes que tem aquela característica de classe média, entendeu? Eram os padres e tudo mais, não aguentaram. Não aceitaram. Aderiram aos partidos, ao PT, às Centrais e nós não...

A gente tinha uma prática, desde a época que atuava nos sindicatos, de trabalhar um pouco o gramscismo, né? E aquela questão das comissões de luta. Em tudo que é lugar: na escola, na faculdade, nos sindicatos, nas fábricas, na periferia, na favela,

onde o militante estivesse tinha que criar um grupo. Um grupo para planejar, discutir e aí ir crescendo. Então começamos esse movimento de comissões. E aí o nome foi surgindo: Movimento de Comissões de Luta.

Quando foi assim, para definir, porque o negócio de correntes já não pegava mais, aí formou. Isso, coincidentemente, acontecia de dez em dez anos... aí rolam mais dez anos.

A gente fez um estudo da realidade brasileira, inclusive escrevemos um livro sobre a história do Brasil contada pelo trabalhador, e analisamos várias histórias de outros países. E foi formalizada essa nossa teoria das *dez necessidades*<sup>12</sup>. E aí a dez necessidades nos chamamos de *dez colunas*<sup>13</sup>, porque se faz a comparação com a construção de uma casa. A casa se baseia nas colunas. Com esse método de trabalho por colunas, foi que consolidou o trabalho de base, nas comunidades, e o movimento com essas comunidades populares.

Foi quando, novamente, nós vimos a necessidade da mudança do nome: do Movimento das Comissões de Luta, para o Movimento das Comunidades Populares.

<sup>12</sup> Uma grande referência do Movimento das Comunidades Populares, além da religiosidade cristã relacionada a uma tradição católica de esquerda, à semelhança da Teologia da Libertação, é o pensamento marxista de filiação ideológica ao maóismo. Esses vínculos permitem compreender o método de organização do movimento e seus princípios de atuação nas comunidades onde se insere. Um exemplo é o método “linha de massas”, utilizado pelo MCP junto às bases comunitárias, que reflete, em grande medida, sua compreensão a respeito da democracia participativa.

<sup>13</sup> Os ativistas do MCP desenvolveram uma metodologia de atuação com base no que denominam as *dez colunas básicas* para manutenção do poder popular nas comunidades. Seriam essas colunas a *economia, infraestrutura, religião, família, saúde, moradia, educação, esporte, arte e lazer*.

**Tatiana:** O GIC<sup>14</sup> e o MCP são atividades importantes na sua comunidade? Como?

**Gelson:** Sim, o GIC consegue resolver vários problemas. Problemas de moradia, por exemplo. Lá no morro nós temos mais de 30 casas que foram compradas com dinheiro do GIC. Nós temos três experiências de geração de renda que foram implementadas em função do GIC. Nós temos hoje quase 200 investidores.

**Tatiana:** E o mercadinho?

**Gelson:** O mercadinho é outra coisa<sup>15</sup>. É do setor econômico, também, porque as pessoas podem comprar objeto barato ali, sem ter que se deslocar, enfim. E o GIC, então, resolve todos esses problemas. Sem falar que proporciona um incentivo as pessoas a pouparem, porque é uma característica

<sup>14</sup> Grupo de Investimento Coletivo. O GIC consiste em uma das atividades, de uma das colunas de atuação – economia – do MCP. Nessa área de atuação do movimento desenvolvem-se diferentes práticas do âmbito econômico sobre bases *comunitárias, solidárias e coletivas*. Os grupos que compõem o setor econômico do MCP são o de *produção coletiva (GPC), vendas coletivas (GVC), trabalho coletivo (GTC) e investimento coletivo (CIC)*. No caso desse último, as atividades estão relacionadas a aplicações, resgates e empréstimos em condições mais favoráveis ao trabalhador de baixa renda e de forma coletiva, ao estilo “banco do povo”, porém com a moeda corrente vigente no país. O primeiro GIC foi criado em 1999, em uma comunidade popular do interior da Bahia, e hoje existem 25 GICs em todo Brasil (24 vinculados a comunidades populares e um em uma empresa de transportes do Rio de Janeiro), reunindo mais de 200 membros, cerca de 800 investidores e dando apoio a 73 grupos coletivos. Os GICs mais recentes foram criados em 2011 em municípios do interior do Maranhão e de São Paulo.

<sup>15</sup> O referido “mercadinho” é um estabelecimento localizado na Comunidade Chico Mendes, morro do Chapadão/Pavuna, que é classificado como uma das experiências de GVC (Grupo de Vendas Coletivas) do MPC.



das pessoas não poupar. E o GIC surgiu para essa dificuldade. E as pessoas se dão conta de como é importante poupar. Porque todo mundo tem aquelas necessidades que surgem assim, o inesperado. E aí tá ali o dinheiro das pessoas, sem ter feito empréstimo. É *teu* dinheiro. Então tem muitos casos em que, acaba o gás e a pessoa não tem dinheiro para comprar gás. Lá toda hora acontece isso. Então, com as pessoas que fazem parte do GIC esse problema acabou. Acabou o gás? Vai no GIC, pega o dinheiro! Tem dinheiro lá. Ou toma emprestado. Aí toma emprestado, o juro é baixinho, sem burocracia... então é uma coisa, assim, formidável. Todo mundo se beneficia.

Eu, por exemplo, saí de férias e cheguei duro. Sem dinheiro nenhum. Aí não tem problema, né? Peguei, tomei 600 reais emprestado no GIC, paguei as contas, pronto.

Sem contar que favorece aquele núcleo de poder popular, porque a partir daí entra toda a discussão da comunidade, dos problemas, da organização, as atividades que se realiza, e vai criando uma ligação forte ali, de companheirismo, de solidariedade, de conhecimento mútuo que aquilo vai se transformando numa família. Assim, uma vez que essa comunidade, sendo, digamos assim... perseguidas... essas pessoas tão unidas pra se defender juntas. Certo? Isso que a gente chama de poder. E assim é o GIC. Se você não tem uma proposta dessa, se você não tem nada? Em nome de quê você vai reunir as pessoas? Então olha como é importante!

Então, todo esse núcleo que o MCP se propõe a construir ele tem essa importância. Porque põe as pessoas reunidas em discussão. Poe as

pessoas para refletir sobre suas vidas, sobre seus problemas, aí começa, “*nossa, mas eu nem imaginei*”...

Imagina se a gente chegar um dia que tiver milhões de grupos desse no Brasil?... Entendeu? Então, isso é a base! Diferente de você querer recrutar as pessoas para a revolução, tomar o poder ... fazer o que depois?

E nesse processo tem toda uma discussão de como se governar... você aprendendo a governar um GIC, uma “empresa”, um GIC é um banco, né? Você vai saber governar uma Prefeitura, vai poder governar uma escola, de forma coletiva, solidária, sem corrupção, com transparência, tudo diferente do que tá aí.

**Tatiana:** Isso que eu ia te perguntar agora. Essa iniciativa é *contra* o sistema capitalista, ou uma forma de viver *no* capitalismo?

**Gelson:** Contra. Totalmente contra, por que? Porque você vê. A prática capitalista é assim: o capitalista dá os empregos, vamos dizer, mas tudo que as pessoas ganham volta para o capitalismo de novo. Na compra, no banco, quando ele vai fazer qualquer negociação bancária, no transporte que paga, no juros exorbitante que paga, na casa, na alimentação, nos impostos, enfim em tudo, entendeu? E o GIC quebra isso. Faz com que esse dinheiro não vá para as mãos dos capitalistas, circule entre as próprias pessoas, né? Beneficiando as pessoas.

Aí você pode concluir como é contra o capitalismo. A gente jamais aceita uma coisa dessas.

Veja os bancos comunitários incentivados pelo capitalismo por aí. É totalmente diferente. Não

tem a participação popular, usa o povo como massa de manobra. Como no emprego. Cadê a poupança? Cadê a participação nas discussões, no destino, na forma? Totalmente diferente do que a gente propõe, onde se discute tudo. E com isso, além de você sentir como a coisa é sua, você aprenda a administrar. É aquele negócio: é o tipo de consciência. Hoje existe a consciência do empregado, do gestor e do patrão. Nós queremos que as pessoas adquiram a consciência de gestor, e de um gestor coletivo. E que desapareça a consciência patronal e de empregado. É o que temos de diferente. No nosso grupo, no GIC, o que nós propomos é que eles tenham uma consciência de gestão coletiva.

**Tatiana:** O GIC é uma experiência de sucesso<sup>16</sup>, você concorda?

**Gelson:** Concordo, porque é uma experiência em que as pessoas confiam<sup>17</sup> porque não vê falsidade,

não vê desonestidade, não vê exploração, tudo isso de ruim que tem no capitalismo, a gente tenta fazer desaparecer, então essa é a vantagem.

**Tatiana:** Você acha que essa é uma experiência de *economia popular*?

**Gelson:** A economia popular é a economia que tá aí, a economia do povo. Aos trancos e barrancos, se virando, ganhando uma mixaria aqui, gastando ali, né? Essa é a economia popular, por exemplo, os camelôs... é uma economia popular. Agora, essa nossa aqui é uma economia popular organizada. Coletiva. O que as pessoas chamam por aí, até porque esse nome já virou banalidade, economia solidária. É um nome bem aceito pela mídia e tal. Por que é que eles aceitam economia solidária? Porque é uma economia que tem mais humanismo... Nós somos radicalmente contra as cooperativas nesse estilo existente aí... no sistema<sup>18</sup>.

**Tatiana:** Eu achei que poderia chamar de cooperativa as experiências do mercadinho, da oficina de máquinas de lavar... Não posso?

**Gelson:** Não chamamos. Porque a cooperativa, nos moldes que é criado por aí, ela na verdade é uma iniciativa, assim, ainda capitalista. Pouco solidária. Por que o que acontece? Nas cooperativas, o grupo

<sup>16</sup> O que garante o sucesso das várias experiências econômicas *populares* e de caráter *social/solidário*, mencionadas (GPC, GVC, CTC e GIC) no Rio de Janeiro e em diferentes estados de todas as regiões brasileiras, é a adesão e o compromisso assumido pela *comunidade* onde a experiência está inserida e, no caso do último a constante movimentação do dinheiro investido. A comunidade investe no GIC e se utiliza de empréstimos neste, pois confia no seu funcionamento, nos indivíduos que assumem as responsabilidades junto ao GIC e vêm nessa atividade benefícios que as pessoas da comunidade não teriam em bancos convencionais, ou aos quais estariam impossibilitadas de acessar por não ter comprovação de renda, ter “o nome sujo”, não possuírem documentação pessoal regularizada, entre outros fatores.

<sup>17</sup> “O GIC, além dos investidores e clientes, precisa ter um grupo de membros que, junto com a comissão, conduz o GIC para garantir os princípios da Comunidade, principalmente a política participativa, evitando, com isso, a burocratização e o economicismo” (...) “Os empréstimos do GIC, em sua maioria, são para investimentos na economia coletiva e familiar, para reforma e compra de casas de moradia, compra de eletrodomésticos, tratamento de saúde, pagamento de dívidas etc.” (*Jornal Voz das*

*Comunidades*, agosto de 2011, ano 6, n.º 14, p.4).

<sup>18</sup> O entrevistado pediu, após a revisão da transcrição desta entrevista, que fosse salientado que sua opinião sobre as cooperativas refere-se a uma crítica a um determinado modelo de trabalho que vem se aplicando hoje com o nome de cooperativa. Esse tema demandaria uma explicação mais longa. Segundo Gelson: “...é difícil a pessoa entender isso, que você é contra cooperativa. Eu to falando aqui, porque é na entrevista, mas nesses encontros aí, é preciso ter espaço e tempo para explicar.”

que administra passa a ser o patrão. Entende? O resto das pessoas não tem aquela participação em pé de igualdade. Então, conclusão, aparece um pouco o que aconteceu na União Soviética, em que a burocracia substituiu o patrão. Se a diretoria substitui o patrão, na verdade, muda pouca coisa! Por isso que a gente é contra.

**Tatiana:** Mas esse não é o sentido original de cooperativa, não é?

**Gelson:** Não é. Mas na prática, é.

Agora, a nossa proposta é de coletivo. De coletivo. Autogestão, mesmo. Em que as pessoas, realmente, possam gerir o negócio, coletivamente. Em todos os aspectos. Não é só no aspecto prático da distribuição de tarefas, não.

**Tatiana:** De distribuir *trabalho* para todo mundo, não é?

**Gelson:** É! Exatamente! É no sentido da decisão. Porque o que manda é a decisão. Você pega, por exemplo, a indústria, não tem socialismo mais perfeito do que uma fábrica. Tudo é socializado, tá entendendo? Agora, o que não é socializado é a decisão e o dinheiro! Como fazer, o grupo decide, e o lucro, vai pra mão de uma pessoa.

O GIC propõe que seja coletivo, social, tudo! A decisão, os lucros, as tarefas e a consciência e o aprendizado.

**Tatiana:** Mas eu perguntei isso por causa do aumento do trabalho informal que a gente tem visto no mercado de trabalho. Você, por exemplo, desde

que saiu do campo, não é um trabalhador informal. Agora, dentro do MCP, por exemplo, a maioria das pessoas são “informais”?

**Gelson:** A maioria. A maioria absoluta! Eu sou, assim, uma exceção. Por que uma exceção? Porque nós tivemos um momento em todo mundo saiu dos empregos..., mas eu por uma questão de sobrevivência, mesmo, eu comecei a trabalhar. E aí, começando a trabalhar, fiquei até hoje. Eu, assim que eu me aposentar, vou montar uma oficina, e aí tocar a vida. Como os outros...

**Tatiana:** Quantos GICs existem no Brasil?

**Gelson:** São 25.

**Tatiana:** E a maioria fica no campo ou na cidade?

**Gelson:** Na cidade. No campo acho que são quatro.

**Tatiana:** E você acha que isso tem a ver com o estilo de vida na cidade?

**Gelson:** Não. Tem a ver com a distância... é complicado... assim, as coisas são muito distantes. Na cidade as pessoas tão mais juntas. Eu nunca tinha pensado sobre isso. Mas eu imagino que seja isso... Posso te falar que eu não sei como funciona um GIC do campo? Porque faz muito anos que eu saí do campo. Faz uns 30 anos... Eu saí do campo em 83. E eu ficava muito em cidade, porque eu era

do sindicato. Campo, mesmo, era quando eu era da minha cidade, onde eu nasci.

**Tatiana:** Você dá prioridade, na sua vida particular, aos produtos que vem do mercadinho, por exemplo, aos serviços de oficinas coletivas.

**Gelson:** Sem dúvida. Estamos inclusive com uma parceria com aquele mercadinho do Timo<sup>19</sup>, da Maré. Por quê? Por que tão assim com uma proposta de valorizar o que é do povo, o que é saudável, o que é muito bom. Então nós priorizamos isso.

**Tatiana:** Como você vê o futuro dessa economia popular, que você diz que é uma “economia desorganizada”, e também o futuro dessas iniciativas que você chama de iniciativas coletivas? Você acha que são coisas que podem convergir para o mesmo ponto?

**Gelson:** Eu acho que a economia popular, a tendência, é cada vez mais sofrer perseguição. A tendência é essa: vai ficar cada vez mais difícil as pessoas sobreviverem na economia informal. Por quê? Porque é isso que a gente vê. Os espaços sendo ocupados pela Guarda Municipal, e o próprio capitalismo não aceita isso... e vai forçando... Então as pessoas têm que migrar pra uma iniciativa dessas como a que a gente tá propondo, ou vai viver eternamente nessa dificuldade aí... Muito complicado... Não tem futuro, não tem futuro! O futuro é se organizar!

E aí as propostas dos grupos que têm por aí, pra se organizar, é juntar os camelôs e se organizar pra se firmar em determinado lugar e tudo mais. Mas não propõe essa organização que a gente tá propondo, que é a autogestão. Criar grupos, associações que possam gerir seu próprio negócio de forma coletiva, de forma que beneficie.

Agora, como as pessoas, normalmente, têm o capitalismo impregnado dentro de si, aí prevalece o individualismo. Fica cada um no seu cantinho e aí fica nessa situação de conflito a vida toda. Alguns vão se dar bem, porque se associa ao capitalismo, se beneficia daqui e da lá, cresce, aí o outro vê “*se aquele cresceu, eu vou crescer também!*” e continua, e é isso aí a vida toda. A saída é se organizar de forma coletiva... Aí, sim!

Inclusive essa questão da autogestão a gente entende que isso tem que ampliar pra indústria, mesmo, pra toda sociedade. Transformar as fábricas em iniciativas autogestionárias. Fábrica, prestação de serviços, tudo. E aí é o seguinte: a gente entende que vai se dar a revolução de baixo para cima. Se as pessoas entenderem isso e começar... a proposta é: coletiva. Se o patrão quiser aderir, pode aderir, também. É possível muitos patrões aderir. Só não vai aderir quem está no esquema da burguesia, *mesmo*. Vai ter sucesso.

**Tatiana:** Você não acha que seria pedir uma mudança muito grande no estilo de vida dessas pessoas, desses patrões?

**Gelson:** Entre ele ter uma parte e não ter nada, ele adere. Agora, aquele que não adere, vai se aliar ao

<sup>19</sup> Mercado de produtos orgânicos produzidos por pequenos agricultores da região serrana e da baixada fluminense.

*“O futuro é se organizar!...”*

*Entrevista com Gelson Alexandrino*

poder, a aí vai pra luta, vai pro quebra. Mas a maioria vai.